



SOB O BOLETIM

MAIO/JUNHO 1985 - ANO I Nº 5



Desenho de A. Assumpção

O TANGARÁ DANÇARINO

Autor: Armando Assumpção

DESCRIÇÃO DA ESPÉCIE - Tangará, dançarino ou dançador *Chiroxiphia caudata* ([Chir = Grego cheir, mão + xiphos = espada + ia] mão (asa) em forma de espada [Latim caudatus, que tem a cauda]).

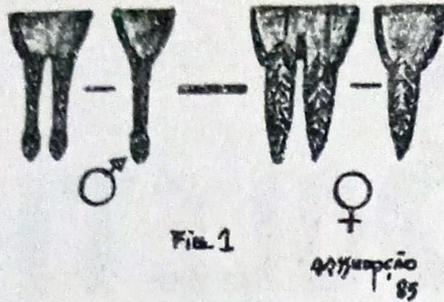
Pequeno e gracioso pássaro (15 cms.) azul celeste, com pescoço, alto peito e cabeça preto brilhante, corado com um barrete vermelho escarlata e cintilante, da fronte à nuca e que se espalha até quase os olhos. Este barrete o evidencia de longe em meio à vegetação. Também pretas são as asas e cauda, onde as duas medianas centrais, azuis com as extremidades pretas, encobrem e ultrapassam em 2 cm. o comprimento da cauda, característica esta que lhe dá o nome específico de caudata.

O dimorfismo sexual é acentuado. A fêmea geralmente é maior que o macho, é verde oliva e às vezes levemente rosada na frente, com o peito suavemente azul. O contorno externo das asas e cauda, é de cor castanha. Os machos jovens têm a mesma cor da fêmea mas já trazem o barrete vermelho alguns meses após o nascimento. A plumagem de adulto, aparece na segunda muda, ou seja, por volta dos dois anos de idade. As medianas caudais do macho adulto, mais longas que as da fêmea, vão se afinando e terminam em forma de pequena espátula, normalmente sobrepostas, parecendo apenas uma, enquanto as da fêmea e dos jovens são mais curtas, mais largas e quase sempre estão separadas em paralelo entre si. (Fig. 1).

Um fato notável, é que sempre se observa na natureza maior quantidade de machos do que de fêmeas, numa proporção de até 25 x 1.



Desenho de Rolf Grantsau



A DANÇA DOS TANGARÁS - SEM HISTÓRIAS OU FANTASIAS - A dança dos tangarás (*Chiroxiphia caudata*) é sempre realizada num ramo ou cipó horizontal ou pouco inclinado, sem folhas, suspenso a uma altura que varia de 1,5 a 4m não a céu aberto mas protegido pela vegetação. Em cativeiro é comum vê-los dançar a 20 centímetros do solo, fato este que nunca presenciei em seu ambiente natural. Certa ocasião, em poucos dias, pude observar 56 danças e sempre o mesmo macho marcou o seu término. As danças variavam de 25 a 63 saltos. São sempre no mesmo ramo. Apenas uma vez em quatro anos de observação, se realizaram por alguns dias em outro local.

A formação do grupo ou bando não obedece a uma determinada regra e é muito variável:

1) O bando se forma espontaneamente com ou sem a fêmea.

2) Um macho principia a dançar sozinho por algum tempo, até que outros se juntam a ele no local da dança.

3) Forma-se o bando quando um indivíduo e a fêmea iniciam a dança.

4) Um macho voa aqui e acolá, por onde se encontram os companheiros, adejando, roncando e atraindo-os para o local escolhido para a dança.

5) Um macho saltando entre a vegetação, emite fortes e seguidos pitiu...pitiu...reúne os companheiros.

6) Outras modalidades de formação do bando.

Em um ponto qualquer de um ramo ou cipó, ou ainda, num galho relativamente grosso, encontra-se uma fêmea facilmente identificável pela vestimenta totalmente verde oliva. O início da dança não obedece a um sinal de partida. Existe sim, um convite à dança por meio de gorgeios, roncões ou por movimentos característicos como mudanças repentinas de lugar, convulsões, agachamentos e arqueamentos do corpo, sempre executados por um ou mais machos jovens ou adultos, com predominância de adultos.

Da fêmea, aproxima-se um macho que nem bem acaba de pousar, alça vôo e adeja frente a frente num plano superior de uns 10 centímetros, iniciando assim o ritual da dança. Enquanto seus companheiros não chegam, ele pousa novamente ao lado da fêmea e de imediato repete o ritual até a chegada de um ou mais machos.

Com a chegada dos companheiros, seja mais um ou até 6 a 9, postam-se no ramo formando uma fila unida, sempre à esquerda da fêmea e todos ou quase todos voltados para a mesma direção. A "festa" toma vulto obedecendo a uma determinada sequência. Formada a fila, o macho mais próximo da fêmea alça vôo e após adejar por instantes à sua frente, irá pousar no extremo oposto da fila. O segundo macho que nestes instantes ocupou o lugar do primeiro, alça vôo e repetindo o mesmo ritual volta também ao fim da fila, postando-se à esquerda do primeiro macho. Successivamente, do terceiro macho ao último, repetem com precisão o procedimento dos dois anteriores e completam a primeira fase da dança, que recomeça de novo pelo primeiro macho.

O número de fases e o tempo de duração de cada fase, está em razão do número de participantes, se jovens ou adultos e da disposição dos mesmos, disposição esta que aumenta consideravelmente na época de acasalamento. Nestas ocasiões o ardor e excitação dos machos são tais, que provocam uma desorganização total no grupo, formando uma fila de cada lado da fêmea, com vários machos a dançar ao mesmo tempo, e provocando um tumulto que não raro termina em brigas e perseguições.

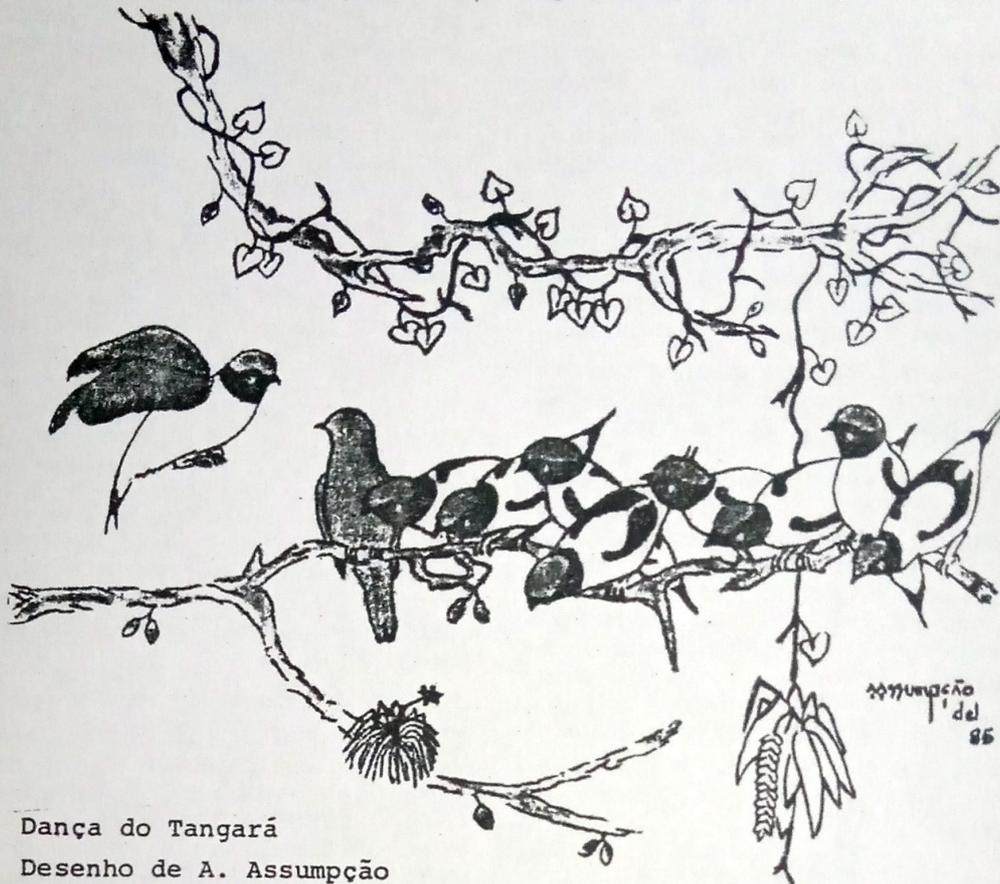
Neste festivo comportamento, os machos tomam-se de delicados tremores, movimentam a cabeça acima, abaixo, à frente e atrás, marcando passo um pouco à esquerda e direita, tudo em perfeita harmonia cadenciada, realizando em coro uníssono e ritmado um zumbido constante, comparável ao riscar de unha em rápido vai e vem nos dentes de um pente fino. A fêmea se evidencia, emitindo roncões suaves. Seus movimentos resumem-se num leve e rápido agitar de asas, acompanhado de súbitos e contínuos tremores de corpo. Não sai do lugar e seus mínimos deslocamentos no ramo são apenas uma mudança dos pés. Mas, tendo preferência por determinado macho, este se posiciona à sua direita e roçam suavemente as cabeças.

Ocorre, que se uma segunda fêmea adentra à fila ou se aproxima demais do grupo, é logo expulsa pela primeira, enquanto os machos alheios ao acontecimento, continuam a cerimônia. A segunda fêmea só não é atacada se se mantiver passiva a certa distância.

É de fato um privilégio assistir a esta cerimônia; o carrocel esvoaçante e palpitante dos tangarás, colorido pelo azul

celeste de seus corpos, o negro das asas trêmulas e o vermelho escarlata da cabeça, embalado pela marcação sonora do próprio grupo, e tendo como cenário o verde da vegetação, cria um ambiente de encanto e de fábula, no sempre renovado e surpreendente mundo dos pássaros tropicais.

tes nos primeiros meses do ano. Apresentam-se sem entusiasmo e geralmente um jovem, e por ser jovem tem a mesma coloração da fêmea, assume o lugar e comportamento desta. São cerimônias de curta duração e comumente um macho "monta" um participante, seja ele jovem ou adulto, du-



Dança do Tangará
Desenho de A. Assumpção

O término da dança é inesperado. É quase sempre determinado por um mesmo macho que após adejar em frente à fêmea, vira-lhe as costas, bate as asas com vigor e, enquanto patinha cavalgando no ar, emite cerca de sete silvos (ti, ti, ti, ti, ti, ti, ti) agudos e fortes e acompanhados de um rápido agitar de cauda; em seguida, pausa; agachado no mesmo ramo ou imediações e sempre de costas para a fêmea, arqueia para cima a cauda e a cabeça, pondo em destaque sua boina escarlata, e imóvel abre e fecha as asas algumas vezes. Após breves instantes de imobilidade, ou o bando se dispersa ou a cerimônia recomeça. A duração da dança é de 40 segundos a um minuto e meio ou dois e pode prolongar-se por horas, com breves intervalos para alimentação ou algo assim.

Dois bandos não se misturam; quando ocorre uma tentativa de um ou mais indivíduos trocar de bando, são violentamente repelidos pelo macho mais antigo do outro grupo. Entretanto, foi observado em cativeiro, que o macho mais antigo participava eventualmente dos dois bandos existentes. Cerimônias há, em que só machos participam. Sejam só de jovens, só de adultos ou de ambos, e são mais frequen-

rante ou ao término da dança.

As danças ocorrem de março a dezembro e cessam em janeiro-fevereiro, meses em que a muda atinge o auge. Mas podem acontecer o ano todo, porque mudas prematuras ou brandas de alguns, dão-lhes condições de se manifestarem nestes dois meses. As danças não são realmente cerimônias pré-nupciais pois a nidificação e nascimento das crias ocorrem + ou - de outubro a janeiro. Presenciei inúmeras danças e nunca assisti uma cópula pouco antes ou pouco depois da cerimônia. Em época de acasalamento é comum um macho ficar afônico temporária ou até permanentemente. Esta afonia que ocorre num só modo de gorgear, acontece também nos que estão em liberdade. Nunca constatei afonia em fêmeas. Só na ocasião do acasalamento os machos produzem num som vocal semelhante a um repique de castanholas, enquanto perseguem a fêmea.

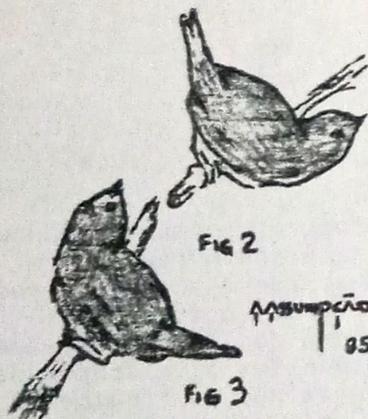
São sociáveis e procuram-se entre si, convidando-se a reunirem-se para a dança. Mas quando a fêmea está pré-disposta ao acasalamento, tornam-se extremamente briguentos e as perseguições e as lutas para liderarem o território onde se encon-

tra a fêmea, são furiosas. Observa-se então que estas perseguições são cegas. O perseguido e o perseguidor cruzam as ramas e folhagens com tamanho ímpeto e violência, que lembram pedras arremessadas através destas mesmas ramagens, tal é o ruído dos impactos contra as folhas e ramos.

Aí então, machucam-se e às vezes sangram e até cegam-se. Se o perseguidor consegue alcançar o fugitivo caem embolados no solo, permitindo que se os apanhe com a mão. É esta a razão da morte de machos nesta época. Fêmeas também, mas nem tanto. Existe sempre um mais forte, o que é natural, mas nem por isso os outros desistem da disputa da fêmea. A cerimônia prenupcial que antecede o acasalamento, em nada se assemelha à dança dos tangarás.

Enquanto nas danças são os machos que primeiro se manifestam, nesta última cerimônia é a fêmea que toma a iniciativa.

O ACASALAMENTO - Entre a vegetação onde as ramas se cruzam, é o local em que se dá o acasalamento. Num destes ramos encontra-se a fêmea aparentemente quieta. Ao seu redor alguns machos. Atraindo a atenção dos machos, sai de sua quietude e desloca-se entre a ramaria, debruçando-se nos ramos para frente (Fig.2) ou para trás (Fig.3) com o corpo arqueado para cima e a cabeça inclinada sobre a nuca.



A cada mudança de posição há um curto e rápido deslocamento sobre o ramo, à esquerda e à direita, seguido de uma pausa. Este comportamento repete-se seguidamente de modo idêntico no mesmo ramo ou adjacências. Parecendo não se manifestarem alguns machos assistem de perto até que um adentra o local passando a cortejar a fêmea, seguindo-a e executando em conjunto a mesma coreografia, sempre mais rápida à medida que os dois se aproximam. Acompanha este balé, não o ronco habitual dos tangarás mas um zum-zum abafado muito semelhante ao zumbido de abelhas. Se mais machos se acercam, cada um faz a sua parte individualmente, e vai abandonando o local à medida que consecutivas escaramuças se sucedem, sobressaindo-se no acasalamento aquele que por fim definir a sua liderança.

Somente nesta cerimônia de acasalamento o comportamento dos machos lembra muito a dança do *Chiroxiphia pareola*. A descrição destas duas cerimônias não serve como modelo obrigatório para as que aconteceram ou venham acontecer, podendo apresentar ligeiras variações no procedimento dos participantes. Tudo o que me referi neste relato, não passa de uma pequena parcela daquilo que seria necessário descrever deste e de outros comportamentos da espécie, a fim de elucidar estas complexas cerimônias. Poucos comportamentos foram assistidos na mata. Tudo que foi descrito e outras como: nidificação, postura, incubação, nascimento das crias, alimentação e comportamento da fêmea e filhotes até o estado adulto, foram anotados, fotografados e gravadas as vozes da fêmea e prole. Sempre presenciados a uma distância de 0,90 a 2,0 metros. Não é impossível, mas extremamente difícil fazê-lo em plena mata. Penso não ter havido mudanças de comportamentos, por estarem em cativeiro, pois o ambiente era amplo, a vegetação adequada e as espécies extremamente mansas e com muitos anos de cativeiro. Trabalhos idênticos foram por mim desenvolvidos em relação a *Chiroxiphia p.pareola*, *Manacus manacus gutturosus* (rendeira) e algumas espécies de traupídeos (saíras).

NOTA DA REDAÇÃO: O autor deste artigo e de outro aqui também inserido, é um estudioso das aves há longos anos. É sócio fundador da SOB e foi vice-presidente na primeira diretoria. Já antes dessa ocasião (1964) fazia detalhadas anotações sobre alimentação, reprodução e comportamento de diversos pássaros brasileiros, sobretudo do Piprídeos (tangarás, rendeiras, etc.).

Durante anos conviveu com o saudoso Mestre Olivério Pinto, com quem discutia suas dúvidas, e de quem acabou merecendo um registro elogioso acerca do trabalho sobre as aves já citadas. Paulo Nogueira Neto, no conhecidíssimo livro "A Criação de Animais Indígenas Vertebrados" cita o autor com destaque, quando escreve sobre os tangarás, as saíras e os tiês. No livro recentemente lançado (maio 85) de Helmut Sick, Ornitologia Brasileira, no capítulo dedicado à Família Pipridae, novamente encontramos o nome de A. Assumpção o que não chega a se constituir em surpresa, muito pelo contrário, esperava-se até mais citações, já que este, entre 1965 e 1967 enviou ao ilustre ornitólogo várias correspondências, contendo informações sobre as danças e diversos comportamentos em cativeiro, das espécies da referida Família. Tem ainda, alguns trabalhos publicados, inclusive na Argentina.

Leia no próximo número (6), um artigo do autor sobre a reprodução do Tangará Dançarino (*Chiroxiphia caudata*)

chos serão portadores. Espero neste ano, já com as novas instalações prontas, conseguir alcançar esse intento.

BICUDO

Nomes Populares: Bicudo do Norte, Bico Preto, Bicudo Preto, Bicudo do Norte de São Paulo, Bicudo Maquiné, Bicudo do Araxá, Bicudo de Goiás, Bicudo do Maranhão, Bicudo do Mato Grosso, Bicudo Maior. Em inglês: Greater Large-Billed.

Existem no Brasil duas formas de pássaros da família Emberezidae, sub-família Emberezinae, conhecidos por Bicudo e que são o Oryzoborus c. crassirostris (Gmelin - 1789) e o Oryzoborus crassirostris maximiliani (Cabanis, 1851). O primeiro ocorre na região limítrofe do Brasil com as Guianas, alto do Rio Negro e o estuário amazônico e o segundo desde o baixo Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Sul da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro até São Paulo. Têm eles três tamanhos, o menor chamado de Bicudo do Maranhão (Oryzoborus c. crassirostris) mede 150mm., o médio conhecido por Bicudo de Goiás, com 165mm. e o grande como Bicudo do Mato Grosso com 180mm., estes dois últimos são variedades do Oryzoborus crassirostris maximiliani. Todos



Desenho de Rolf Grantsau

eles são inteiramente de cor preta lustrosa, com um espelho branco na asa. Bico variando de branco puro, branco azulado, madrepérola, chifre até preto. Olhos marrom bem escuro, pernas e pés pretos.

A fêmea é marrom pardacento com o lado ventral um pouco mais claro. Olhos, pernas e pés enegrecidos. Habita geralmente os varjões, campos e capoeirões onde é nativo o capim Navalha de Macaco (Rhynchospora corymbosa (L.) Britt.), cuja semente muito aprecia e as plantações de arroz onde o bando desce e faz verdadeiro estrago. Nidifica em pequenos arbustos à entrada dos capões de mato, botando a fêmea 2 ovos, cinza claro, com manchas marrom escuro no polo rombo, medindo 20 x 15mm. (o da variedade mais comum que é de tamanho médio), que são incubados por 13 dias. Os filhotes têm a mesma plumagem da mãe e ao fim de um ano nos machos aparecem, a um só tempo, várias manchas pretas pelo corpo. Não confundir com pintas pretas em reduzidíssimo número que aparecem em alguns exemplares e que, quase sempre, são fêmeas velhas.

O Bicudo é hoje um dos pássaros cantores mais apreciados e disputados pelos colecionadores e que, por isso mesmo, está ficando cada vez mais raro. É protegido por Portaria Especial do IBDF como ave ameaçada de extinção, sendo portanto vedada sua captura. Entretanto cada dia mais os caçadores não lhe dão tréguas principalmente pelos altos preços alcançados no mercado ilegal de animais. Essa caça indiscriminada bem como a poluição em geral e a violentação do meio ambiente é que são as causas de um animal se tornar com a sua sobrevivência em perigo e até mesmo ter sua espécie extinta. Hoje os Bicudos só são encontrados nas regiões ainda intocadas do interior, já tendo sido completamente erradicados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Eu mesmo vi muitos Bicudos nas margens do Rio Jequitinhonha no Norte de Minas e nos vales dos rios Sapucaí e Verde no Sul daquele Estado, sendo que hoje em dia não se encontra um único sequer.

Por isso, devemos todos nos conscientizar da necessidade de protegê-los no seu cada vez mais reduzido habitat e procurar de toda maneira, aproveitando os exemplares que já existem em cativeiro, reproduzi-los para assegurar a perpetuação da espécie. Temos no Brasil vários Clubes e Sociedades que se dedicam especificamente aos Oryzoborus, tanto ao Bicudo como ao Curió, realizando em várias cidades torneios de Canto e Fibra. Por informação do Presidente da Federação Brasileira dos Criadores de Curiós e Bicudos a estatística dos pássaros que comparecem aos torneios está se invertendo. Antigamente só competiam aves providas da natureza, agora a maioria já é criada em cativeiro e a meta é de que para o futuro todas assim o sejam.

CRIAÇÃO E MUTAÇÕES

Autor: Ennio de Araújo Flecha

AZULINHO - Com o nome de Azulinho, dado ao fato de parecer com o nosso Azulão - porém menor, ocorre no Brasil, desde Minas Gerais (alguns autores não o reconhecem neste Estado, mas já o vi no Sul de Minas e os exemplares que tenho são de Itapeçerica) até o Rio Grande do Sul e Argentina, Uruguai e Paraguai, um belo pássaro azul claro, bem mais pálido do que aquele, único em gênero e espécie, da Família Emberezidae, Sub-Família Cardinalinae (Peters - Check - List of Birds of the World).

Ainda, segundo outros ornitólogos, continua como da Família Fringillidae, como consta, aliás, no recente livro do Prof. H. Sick "Ornitologia Brasileira - Uma Introdução". Na Argentina é conhecido como Azulego e em inglês Indigo Grosbeak.

Trata-se do *Cyanoloxia glauco-caerulea* (Lafresnaye & d'Orbigny, 1837), cujo macho é de bela cor azul no geral, com asas e caudas mais escuras quase pretas e laivos de uma tonalidade azul claro ornando as penas. Os pés, o bico e os olhos são negros. A fêmea marrom pardacento na parte superior e marrom acanelado no ventre. Mede 142mm, pesa 17 gramas e habita as matas e os cerrados fechados, onde a fêmea constrói o ninho a meia altura e coloca de 2 a 3 ovos de cor azul celeste, pintalçados de marrom no polo rombo e medindo 19 x 14mm.

O comportamento desse pássaro se assemelha muito ao dos Azulões, sendo que, no entretanto somem no inverno, voltando no princípio da primavera para o acasalamento e reprodução, vivendo o resto do tempo isolado. Alimenta-se de sementes como alpiste, painço, arroz em casca e cânhamo que muito apreciam. Isto em cativeiro, pois na natureza se alimenta de todas sementes comuns aos granívoros em geral.

Não faz parte do time dos nossos principais cantores, sendo por isso pouco conhecido e raramente encontrado em gaiolas. O seu canto é simples, meio assoviado, nada se parecendo com o melodioso canto do Azulão. Diz o Prof. H. Sick no seu livro já citado: "Voz: "psit". "djãt" (ad vertência); canto: fluente de andamento rápido, sem modulações apreciáveis".

Cria com certa facilidade em cativeiro e aqui em casa estão em avoadadeiras que acopladas têm o tamanho de 1,40 x 0,40 x 0,30 mts. O Macho faz à fêmea a corte bastan-

te semelhante à que descrevi sobre o Azulão e que foi publicado no número anterior do SOBoletim. A fêmea se encarrega da confecção do ninho e conforme tenho escrito, a todos os meus pássaros forneço raízes de Capim Amargoso (*Digitaria - insularis*) material que eles preferem para confeccioná-lo. Chocam os ovos por 13 dias findo os quais nascem os Azulinhos, que até atingirem a idade adulta são de cor marrom pardacento bem parecidos com a mãe.



Desenho de Rolf Grantsau

A alimentação nessa época deve-se acrescentar larvas de *Tenebrio molitor* ou *Pallembus dermestoides*, além da ração com gema de ovo, pois são muito carentes de proteína animal. Não se esquecer, também, de fornecer verduras (escarola de preferência) diariamente. Desse pássaro possui apenas uma mutação, que aliás é a única de que tive notícias, e que é uma fêmea totalmente canela, com bico, pernas e pés bem claros. Os olhos são marrom avermelhados. Anualmente ela faz de 3 a 4 posturas, de 3 ovos cada, nascendo sempre todos os filhotes e já anilhei vários.

Ainda não consegui fixar essa mutação por que ainda não tive um filhote macho portador para acasalá-lo com a mãe. Esse tipo de mutante é ligado ao sexo e os filhotes, conforme fórmula publicada no primeiro artigo desta série, sendo ma-

que dos Coleirinhas é o que mais tenho criado. De 1975 até hoje já nasceram aqui em casa 102 filhotes que foram criados em avoadeiras nº 3, 70 x 40 x 30 cms. Os casais são formados a partir da primeira vera e reproduzem até fins de Março. A fêmea põe 3 ovos que são chocados por 13 dias quando nascem os filhotes que permanecem no ninho por 13 dias também e ao fim de 30 a 35 dias são separados dos pais. O macho é muito agressivo e em vários casais sou obrigado a retirá-lo permanecendo a fêmea sozinha com a tarefa de alimentar os filhotes, o que ela faz com todo esmero. As crias têm a plumagem de jovens bem parecida com a da mãe e, após a segunda muda que se dá por volta de 6 a 8 meses, já começam a aparecer as marcações pretas que vão determinar sua plumagem de adulto. O bico também começa a tomar a cor laranja característica da espécie.

Sua alimentação são as sementes, principalmente alpiste e painço que gostam muito, mas acrescento ainda arroz em casca tipo Catete (semente pequena) e de vez em quando cânhamo. Adoram talos de escarola que forneço a miúdo alternada com almeirão. Quando nascem os filhotes além da ração especial com gema de ovo cozida dou ainda larvas de Tenebrio molitor e Palem bus dermestoides. Tenho dessa espécie 44 exemplares todos mutações ou portadores. Os mutantes dessa espécie são Albino, Canela, Opal e Creme com seus portadores, sendo que já estão definitivamente fixados nas sucessivas gerações que aqui nascem.

BIBLIOGRAFIA

- . C.O.C.Vieira - Nomes Vulgares de Aves do Brasil
- . E. Santos - O Amador de Pássaros
- . E. Santos - Pássaros do Brasil
- . F.F. Andrade - O Criador de Bicudos e Curiós
- . G.A. de Andrade - Nomes Populares das Aves do Brasil
- . H. Lorenzi - Plantas Daninhas do Brasil
- . H. Sick - Ornitologia Brasileira 2 vols.
- . J.C. Veiga - Pássaros de Gaiola
- . J.L. Peters - Check-list of Birds of the World
- . MA/IBDF-MEC/FENAME - Atlas da Fauna Brasileira
- . O.O. Pinto - Catálogo das Aves do Brasil - 2 vols.
- . P.N. Neto - A Criação de Animais Indígenas Vertebrados

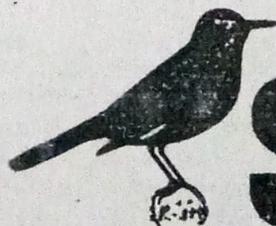
- . R. Grantsau - Arquivo do seu livro em preparo p/ publicação
- . R.M.Schauensee - A Guide to the Birds of South America
- . Meus arquivos

TROCAS & TROCAS *****

O SOBoletim abre uma seção para que os sócios tenham um espaço para comunicações, fazendo propostas de trocas de aves, materiais, livros, informações, etc. A solicitação deve ser enviada à SOB, aos cuidados do SOBoletim, informando o nome completo, número de associado e o objeto da sua nota, além do endereço e/ou telefone para respostas. Isto significa que as respostas e demais contatos entre as partes interessadas, serão feitas diretamente sem a participação do SOBoletim.

Lembramos que é uma coluna para trocas e jamais para vendas, e de uso exclusivo dos sócios da SOB.

É bom lembrar que o boletim sai somente a cada dois meses, e portanto a proposta de troca deve ser feita com antecedência, principalmente se visar a permuta de aves para formar casais, para a temporada de criação que se avizinha.



SOB

SOB - Sociedade Ornitológica Bandeirante
Rua Domingos de Morais, 2829 - sala 3
Vila Mariana - São Paulo - CEP 04035
Reuniões às terças-feiras - 20:30 h .

Conheci apenas três mutações de Bicudo. Uma delas era totalmente canela, muito bonita e que morreu em Belo Horizonte por volta de 1977 não deixando descendentes, outra que ainda possui é um macho de cor geral cinza escuro sem o lustro do preto que é a característica da espécie (não foi acasalado até agora) e a terceira foi um macho Arlequim de branco em quase 80%, que me veio de Fortaleza, mas que embora tendo gerado alguns filhotes não foi possível fixar sua mutação.

Aliás os pássaros arlequins são muito vistosos mas como não se constituem numa mutação genética, dificilmente transmitirão aos filhos. Não conheço nenhum caso positivo de pássaros silvestres brasileiros, Arlequins, que tenham gerado filhos à sua semelhança. O que tenho encontrado são sobreposições de mutações, em Canários do Reino, Periquitos Australianos, etc.

Os Bicudos criam com relativa facilidade em cativeiro, bastando um viveiro de 1 x 1 x 0,50mt., casal sadio que seja acostumado a comer ração especial com gema de ovo cozido e, quando nascerem os filhotes acrescentar larvas de Tenebrio molitor ou de cupins (Termitas). A sua alimentação consiste basicamente em sementes de alpiste, painço, arroz em casca e canhamo, além de verduras como couve ou escarola. Na época própria quando o capim Navalha de Macaco dá um pequeno frutopreto eu forneço seguidamente para completar sua dieta.

BREJAL

Nome Científico: Sporophila albogularis
(Spix, 1825), Família Emberezidae, sub-família Emberezinae

Nomes Populares: Coleiro do Brejo, Papa-capim, Coleirinha do Brejo, Papa arroz, Coleirinha da Garganta Branca, Papa-capim da Garganta Branca, Coleiro da Bahia, Gola, Golinho, Golado, Goladinho. Em inglês, - White-throated seedeater

Medindo 110mm. e com peso de 10 gramas, ocorre no Brasil desde as regiões do Nordeste de Minas e Espírito Santo, Bahia, passando por todo Nordeste até o Piauí, único na espécie, um dos mais belos coleirinhos, muito bom cantor e que é bastante apreciado pelos passarinhos, com o nome mais difundido de BREJAL.



Desenho de Rolf Grantsau

Tem o lado dorsal e os flancos cinza escuro. A frente, a região auricular e collar do peito são pretos, assim como a cauda e as asas, mas nestas as penas são marginadas de cinza roseado, tendo um espelho branco. A garganta, que forma a coleira e a barriga são brancas. Bico alaranjado, olhos marrom escuro e pernas e pés cor de carne. Esse é o macho porque a fêmea tem costas marrom oliva claro e lado ventral esbranquiçado com o peito levemente lavado de ocre. As asas são iguais às do macho porém ao invés de preto, cinza escuro sem o espelho branco. Bico preto, pernas e pés cor de carne mais escuros. Os filhotes na primeira plumagem são iguais às mães. Ovos branco-azulados bem claros, com pintas escuras de vários tamanhos que vão aumentando até formar um anel no polo rombo. Medem 18 x 13mm. Voz: gorgear fino, persistente bem variado e rápido (segundo H. Sick).

É encontrado nas várzeas úmidas (brejos) das caatingas do Nordeste, onde concentram-se em bandos enormes à procura das sementes que ali crescem quase todo o ano. Daí o seu nome de Brejal. Na natureza nidifica em pequenos arbustos, fazendo o ninho bem caprichado de raízes de gramíneas, a pouca altura do solo onde deposita três ovos.

Em cativeiro, como já disse, é frequentemente encontrado entre os colecionadores que o estimam pelo seu porte elegante e pelo canto melodioso à cuja voz, descrita pelo Prof. Sick, acrescentaria ser um tanto agreste e algo agressiva. É muito fácil sua reprodução em cativeiro, sendo



Contopus alboocularis (Berlioz) 1962

Nome popular: não é conhecido

Nome em inglês: White - throated Pewee

Espécie descrita pela primeira vez em 1962 por Berlioz, no Boletim do Museu de História Natural de Paris (2e. série, 34 (2) p.138) com base num único exemplar macho adulto coletado em Maripasoula, Guiana Francesa.

Em 1967, Fernando C. Novaes, no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi nº 64 - nova série de Zoologia, incluiu a espécie pela primeira vez na avifauna brasileira ao discorrer sobre dois exemplares, macho e fêmea, coletados no igarapé Novo, rio Iratapuru, Amapá, em 10 de setembro de 1959. Coletei um casal em 17 de julho de 1968 na Serra do Navio, Amapá.

Medidas:

. Macho 9 g - comprimento total 125mm; asa 64mm; cauda 52mm; bico 10mm; tarso 10mm.

. Fêmea 10g - comprimento total 125mm; asa 62mm; cauda 55mm; bico 10mm; tar-

so 11mm. (pele no Museu de Zoologia da USP).

Os dois, adultos, foram abatidos juntos numa árvore de mais ou menos 30 metros de altura, nos galhos mais altos, secos; mata alta virgem. Existem apenas cinco peles nas coleções do mundo inteiro.

Descrição: pássaro uniformemente cinza escuro com garganta branca. Bico, maxilar inferior cor de chifre claro e maxilar superior preto. Iris marrom escuro. Pernas pretas. Asas e cauda pretas amarronzadas. Alto da cabeça levemente mais escuro que o restante do corpo. Macho e fêmea são iguais.

Texto e desenho de Rolf Grantsau

NOTA DA REDAÇÃO: este tiranídeo (portanto da mesma família da Tesoura, Siri-ri, Bem-te-vi, Verão, Viuvinha, etc.) é uma espécie muitíssimo pouco conhecida, mesmo na sua área de distribuição, o que é atestado pela existência de apenas cinco peles nas coleções, e de ter sido descrita para a ciência apenas em 1962. É a primeira vez que se publica uma ilustração desta espécie de pássaro. O SOBoletim deve este privilégio ao naturalista Rolf Grantsau.

Autor: CARLOS KELLER

2-b - MANEJO DE AVES INSETÍVORAS

Diferentemente dos frugívoros e nectarídeos, os insetívoros são bastante uniformes em seu comportamento: são voadores, exigindo espaços abertos e são também tendentemente agressivos.

Os rollers e os abelharucos da África e os tiranídeos das Américas, são os mais voadores. Habitantes de espaços abertos, fazem malabarismos no ar à cata de insetos. Um viveiro pequeno impossibilita que a ave possa exercitar a grande envergadura de suas asas. É necessário portanto, viveiros plantados mas de preferência com poucos arbustos, e estes, distantes entre si, em um viveiro o grande suficiente para que a ave possa voar livremente.

Galhos desnudos e de fácil acesso principalmente no topo dos arbustos são os mais preferidos. Devido à grande agressividade entre si, não convém que sejam misturados com pássaros semelhantes. Diferentemente dos piprídeos e cotingídeos, os pássaros insetívoros machos raramente atacam suas fêmeas, podendo se alojar um casal normalmente, sem problemas. Em todo caso é possível que hajam exceções. Não posso me recordar de todos os insetívoros do mundo para saber se há algum que ataque a fêmea em particular.

Necessitando de viveiros grandes e sendo pouco sociáveis entre si, os insetívoros são meio problemáticos, na medida que não se pode desperdiçar um viveiro grande apenas para um casal de pássaros.

Como eles ocupam geralmente o estrato mais alto do viveiro, é possível alojá-los com aves rasteiras que só ocupem o chão, como os nambús (Tinamus), os francolíns (Excalfactoria), as perdizes, etc..., aves que ocupem o estrato intermediário, isto é, o meio dos arbustos, também podem fazer parte do mesmo viveiro, sem ferir o padrão de estética dando um ar de aglomeração. O importante é que as aves que vão partilhar o viveiro com os insetívoros sejam pacíficas e resistentes. Podem até ser bem maiores que estas. Mesmo assim, não estão livres de serem atacadas por elas. É comum na natureza, que um bando de tiranídeos ataque um tucano ou gavião.

O melhor é procurar companheiros que sejam indiferentes aos insetívoros e que não lhes lembrem um inimigo natural. As

"pombas de fruta" Treron são ideais para o estrato do meio. No caso particular das pittas ou de alguns formicariídeos, que são eminentemente rasteiros, podem ser usados aves de néctar ou suimangars, assim como saíras para ocuparem os estratos mais altos.

2-c) - DA OBTENÇÃO E CRIAÇÃO DOS INSETOS E LARVAS

A larva de tenébrio não é a única forma que existe de se oferecer insetos vivos aos pássaros, obtidos de forma fácil. Existem alguns outros, que podem ser usados ou como alternativa ou como forma de não entediar a ave. No caso de filhotes, há alguns que pelo pequeno tamanho pedem coisas menores do que o tenébrio. Podem nesse caso ser oferecidas as larvas de mósca, mais macias.

Vou iniciar pelo tenébrio que é o mais conhecido. Não vou explicar aqui como se cria o tenébrio com pormenores, pois é assunto bastante conhecido. Vou apenas acrescentar que o melhor substrato ainda é o farelo de trigo.



Desenho de Rolf Grantsau

Nomes Populares: Tesoura, Piranha, Tesou-
reiro.

Nome Científico: Muscivora tyrannus (=Ty-
rannus savana)

Descrição: comprimento de 30 a 40 cm. Ca-
beça preta com uma corôa amarela dissimú-
lada. Dorso cinza com uropígio e caudal de
cor preta; longas penas caudais externas,
maiores no macho. Asas marrom. Garganta,
peito e abdômen, de cor branca. Bico pre-
to. Durante o período da muda, é frequen-
te ver-se as aves sem as penas longas da
cauda.

Distribuição Geográfica:

- . M.t.tyrannus - América Central e Sul
- . M.t.monachus - Desde o Sul do México
até ao Brasil, neste, no extremo No-
roeste.
- . M.t. circumdatus - Centro e Leste do
Brasil.

Por sobre o farelo, a cama mais cobiçada
pelas larvas é o feltro grosso que deve
cobrir toda a extensão do farelo. O con-
tainer mais apropriado é uma caixa ou va-
so, de cimento-amianto coberto de uma tam-
pa com tela metálica para pernilongos.

Um fator importante para assegurar o ta-
manho elevado das larvas é a água que e-
las consomem. Muitos acham que para as
larvas não é necessário água. De fato, a
umidade causa mofa no farelo, que é fatal
para elas. Como então oferecer umidade
sem mofa? Beber água em tijelas elas não
vão. A única forma que existe é através
de frutos, legumes ou verduras. Os fru-
tos se mostraram demasiadamente úmidos,
mofando por si próprios. As verduras, con-
tem pouca umidade, secando em poucos di-
as. Os legumes são mais promissores, e
dentre eles, o melhor é o xuxú. O xuxú
dura quase que uma semana, e as larvas
simplesmente adoram sua seiva. O xuxú não
deve entrar em contato direto com o fare-
lo pois a área de contato irá mofar. Pa-
ra tanto, o melhor é obter-se pedaços de
fórmica, lajotas ou ladrilhos, e colocá-
los sobre o farelo.

Por sobre o ladrilho, depositar um peda-
ço de xuxú. Para caixas grandes vários
ladrilhos com pedaços (eu uso 4) de xuxú
podem ser usados. Cobrir tudo depois com
feltro e pronto! As larvas irão duplicar
de tamanho. Para quem não puder criar lar-
vas, ou necessitá-las em uma emergência,
o melhor é comprar, caso não consiga de
amigos.

No caso da necessidade de se obter gran-
de quantidade, existem criadores de lar-
vas especializados em suprir as lojas de

caça e pesca para fornecer iscas para pes-
cadores. Em São Paulo, próximo à represa,
no caminho de Santos (Riacho Grande), e-
las podem ser encontradas com facilidade.
(Outro fornecedor em São Paulo é o Sr.
Oswaldo Himaisumi - Fone: 296.0250).

Quando compradas, geralmente elas vem em
tubos plásticos com cerca de 80 indiví-
duos dentro. O tubo se parece com os de
filme 35 mm para fotografia. Juntamente
com as larvas, vêm um pouco de farelo, -
que não é suficiente para mantê-las por
muito tempo. O melhor é colocar as lar-
vas na geladeira. Com o frio da geladei-
ra (não no freezer), as larvas hibernam,
entrando em um estado letárgico em que
não consomem alimento nem se desenvolvem
para se transformar em bezouros. Podem
ser mantidas dessa maneira por bastante
tempo sem problemas.

O que se tem a fazer é retirar os tubos
que vão ser usados, ou as larvas que vão
ser usadas, e com alguns minutos fora da
geladeira elas logo começam a se mexer.
Estão prontas para os pássaros. Um fator
importante com o tenébrio, é que o exces-
so causa uma espécie de intoxicação que
pode acarretar desintéria.

Vamos passar agora para as larvas de môs-
ca. Mais macias que o tenébrio, podem ser
usadas em qualquer quantidade sem contra-
indicação. É ideal para o trato dos fi-
lhotes de aves pequenas. Para se obter
as larvas de môsca, primeiramente é ne-
cessário um local que haja môscas em quan-
tidade. Isso exclui os grandes centros ur-
banos. Fazendas, com gado ou cavalos é o
ideal.

Pega-se uma caixa, de preferência de ci-
mento amianto vazia. Cobre-se esta caixa
com uma tela de arame do tipo usado para
viveiros de pássaros. Por sobre a tela
deve-se depositar uma camada fina de pa-
lha, com capim ou grama cortada. Por so-
bre a palha, deposita-se uma camada gros-
sa de estêrco, ou de vaca ou de cavalo,
mas o melhor é o de bezerro. A caixa de-
ve estar em um local próximo aos estábu-
los para atrair o maior número de môscas.

As môscas irão depositar ali seus ovos,
que ao se tornarem larvas, irão passar
através da palha que está em baixo e cai-
rão no fundo da caixa. Basta então apa-
nhá-las e servir aos pássaros. Ao mesmo
tempo isso irá auxiliar a combater as môs-
cas no local. As larvas de môsca também
podem ser compradas nas casas de isca e
guardadas na geladeira como o tenébrio.

Nessas mesmas casas, podem ser compradas
também, larvas de laranja, mas não sou
partidário delas. Primeiro porque exalam
um odor desagradável, segundo porque pos-
suem pequenas bocas ou presas que podem
perfurar as paredes internas dos órgãos

das aves caso sejam engolidas vivas. Para os que não têm acesso às moscas e criam pássaros pequenos, o melhor são as larvas do amendoim. Essas larvas são uma versão menor do tenébrio e se criam no amendoim cru.



Desenho de Rolf Grantsau

COLORAÇÃO GERAL CASTANHA

Nome Popular-UIRAPURÚ/IRAPURÚ/UIRÁ-PURÚ

Nome Científico- *Cyphorhinus aradus*

Sub-espécies do Brasil -

- C. a. aradus
- C. a. faroensis
- C. a. griseolateralis
- C. a. interpositus
- C. a. transfluvialis
- C. a. modulator

Fonte: A Complete checklist of the Birds of the World-Richard Howard and Alick Moore.

Para beija-flores, pequenos insetívoros, aves de néctar, etc., o melhor são as drosófilas. Para criá-las, basta uma lata ou caixa de plástico, coberta por uma tela de pássaros, para que a ave não tenha acesso ao que vai dentro. Dentro dessa la

ta, restos de frutas, cascas de banana, mamão, etc., devem permanecer para atrair as drosófilas. Essas caixas podem ficar em local escondido no viveiro, onde não chova e sempre que puder deve-se auxiliar as aves agitando a lata com um barbaete para que as drosófilas esvoacem.

As frutas podem ser trocadas antes de atingirem um alto grau de putrefação, se não o mau cheiro poderá tornar o ambiente desagradável. Eu particularmente, fiz uma caixa pequena de madeira com tampa de tela, caixa esta pintada de verde e que fica em local escondido no viveiro. Dentro coloco uma bacia quadrada de plástico com as frutas. Para trocar as frutas, basta retirar a bacia.

Por último uma outra maneira de se obter insetos variados, que é ideal para pássaros com filhotes, é o uso do coador de filô. Quem tem sítio ou fazenda ou mora em local em que existem muitos insetos, mariposas, etc., pode fazer um coador de filô, como o de café, só que grande semelhante ao de caçar borboletas, mas mais comprido que este. A boca pode ser larga, mas deve ter uma espécie de afunilamento no centro, formando um franzido, que novamente irá se alargar no bôjo.

Melhor ainda é o uso de um saco escuro, como um coador, com um funil na boca, de forma que através do funil de chapa, os insetos que foram atraídos pela luz caiam dentro do saco. A escuridão do saco faz com que eles fiquem quietos. Em cima do se saco, que deve ficar fixo com a boca para cima, coloca-se uma lâmpada que deve ficar acesa durante a noite. De manhã o saco estará cheio de insetos que à noite foram atraídos pela lâmpada. Basta ao leitor, virar o saco do avesso no chão do viveiro, que os pássaros farão a festa!

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

UMA NOVA TÉCNICA DE SEXAGEM DE AVES

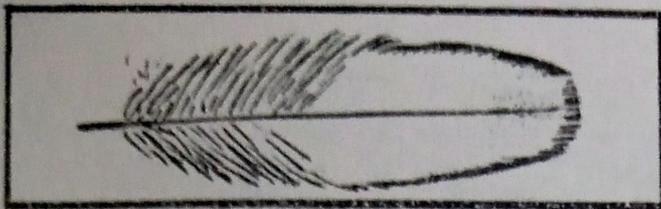
Autor: Arthur Freud

Título Original: Utah Student

Develops Safe Sexing Technique (1985)

Tradução: Joaquim S. Carvalho

Todd Jarman de Roy de Utah, Estados Unidos, presentemente frequenta a escola como estudante, mas já há dois anos está trabalhando num projeto de graduação em Ciências. Devido ao seu interesse pelas



aves, escolheu a execução de um trabalho sobre o problema dos incêndios, e de como eles estão afetando as aves na Antelope Island, pequeno pedaço de terra no Grande Lago Salgado. Um aspecto da sua investigação, requeria a separação entre machos e fêmeas. Todd, imaginou que poderia obter este esclarecimento no sangue das aves, mas o exame através do microscópio decepcionou, nada revelando.

Na oportunidade, ocorreu um daqueles momentos imprevistos, que às vezes afetam o desenvolvimento científico. Quando manipulava fragmentos de penas com sangue, notou diferenças específicas na estrutura delas. Exame microscópico mais detalhado e de grande número de penas, confirmou a sua descoberta.

O professor de Ciências da escola de Todd, Gary Young, viu o projeto e reconheceu-lhe a importância. Sob sua orientação, conquistou o primeiro lugar na Feira Internacional de Ciências para estudantes de nível superior. Outro professor, percebeu o potencial da pesquisa e obteve a atenção de cinco professores ornitólogos da Brigham Young University. A partir deste ponto, a pesquisa de Todd Jarman tomou um impulso significativo. Assim, ele tem trabalhado com ornitólogos da Smithsonian Institution, criadores de aves e zoológicos de diversos Estados, sempre determinando o sexo de aves.

Talvez você esteja se perguntando porque há tanta excitação relativa a um assunto aparentemente tão simples. Mas a maioria dos criadores sabe, que em muitos casos a determinação do sexo é bastante difícil, principalmente quando as aves não têm dimorfismo sexual, isto é, não têm diferença externa perceptível. Uma técnica atual, aquela que usa a relação hormonal de machos e fêmeas, verificada através das fezes das aves, é frequentemente bem sucedida, mas também muito afetada pela idade e pela saúde da ave em exame, e assim erros acontecem. Técnicas cirúrgicas (os órgãos sexuais das aves são internos) funcionam com muita precisão, mas evidentemente são traumáticas, e muitos criadores pensam duas vezes antes de arriscar uma ave valiosa na laparoscopia, a técnica cirúrgica mais utilizada. Mas por outro lado, nada é mais frustrante para o criador, do que manter juntas duas aves adultas, acreditando ser macho e fêmea, e depois de muitos anos, descobrir que

ambos os exemplares botam ovo. Por isso é que o trabalho de Todd Jarman é recebido com muita expectativa. As vantagens adicionais do procedimento, incluem o fato de que a ave não necessita estar presente ao exame e desta forma, o manuseio é mínimo; para se retirar uma pena, não é preciso anestesia nem qualquer corte no corpo do exemplar.

No seu processo, Todd coloca a pena sobre uma superfície lisa e corta uma barba externa, que é colocada cuidadosamente numa lâmina, evitando-se qualquer deslocamento posterior, e é examinada, observando-se a posição das bárbulas, etc., com um aumento de 95x no microscópio. Sua estrutura é então comparada com a de uma outra ave da mesma espécie, cujo sexo é conhecido. Todd verificou que cada espécie possui diferenças características nas penas. Ele mantém meio acre com viveiros ao ar livre, atrás da residência da família, cuja cooperação tem sido notável; possui mais de 300 aves pertencentes a 52 espécies.

Atualmente, está assessorando criadores através da sexagem, pelo correio, o que ao mesmo tempo, o ajuda a obter mais informações e validação para as suas descobertas. O procedimento básico é remover uma pena da porção central da asa direita. O exame microscópico é então realizado e com base nos seus numerosos registros, faz a determinação do sexo. Ele informou que sua técnica tem sido totalmente exata nas 57 espécies que frequentemente têm exemplares sexados.

Um meio pelo qual ele confere a exatidão, é sexando aves cujos sexos já são conhecidos, ou através da postura de ovos, ou através da técnica cirúrgica. Ocorreu o caso de uma pessoa que, querendo testá-lo, enviou-lhe penas de 50 aves e disse que metade delas eram de fêmeas. Após cuidadosos exames, Todd verificou que todas as penas eram de aves do mesmo sexo.

Recentemente, ele foi contactado por John L. Sincok do U.S. Fisheries and Wildlife Bureau, que lhe sugeriu tentar a sexagem dos Condores. Se tiver sucesso, o trabalho de Todd Jarman poderá ajudar no programa de reprodução, envolvendo espécies ameaçadas de extinção.



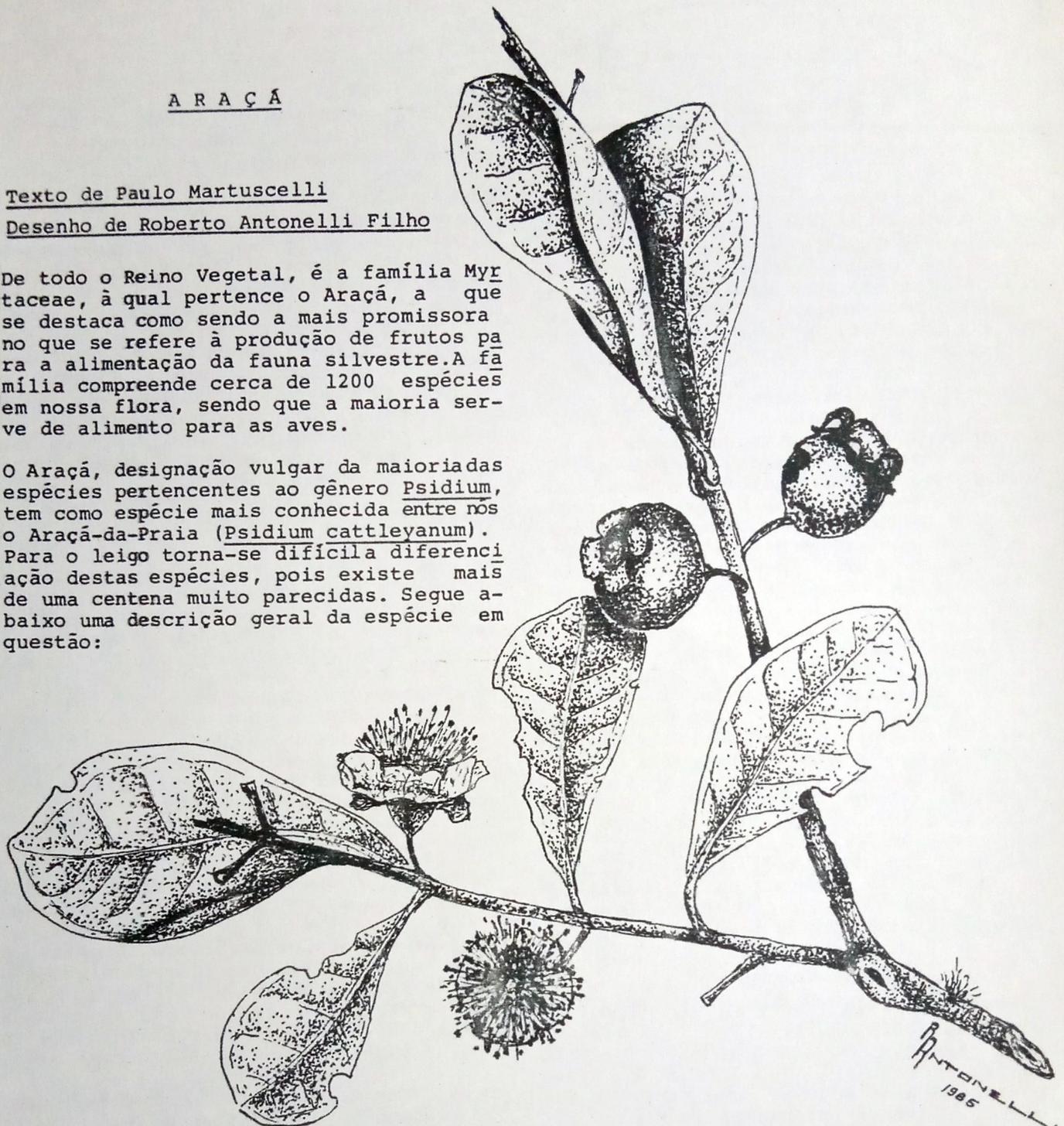
ARAÇÁ

Texto de Paulo Martuscelli

Desenho de Roberto Antonelli Filho

De todo o Reino Vegetal, é a família Myrtaceae, à qual pertence o Araçá, a que se destaca como sendo a mais promissora no que se refere à produção de frutos para a alimentação da fauna silvestre. A família compreende cerca de 1200 espécies em nossa flora, sendo que a maioria serve de alimento para as aves.

O Araçá, designação vulgar da maiorias espécies pertencentes ao gênero Psidium, tem como espécie mais conhecida entre nós o Araçá-da-Praia (Psidium cattleianum). Para o leigo torna-se difícil a diferenciação destas espécies, pois existe mais de uma centena muito parecidas. Segue abaixo uma descrição geral da espécie em questão:



É planta arbustiva e arbórea, de casca fina e lisa, de cor cinza. As folhas são simples, de forma ovada, mas com a parte mais larga voltada para o ápice. As flores são solitárias, opostas e axilares de cor branca. O fruto é multilocular, ou seja, apresenta gomos que variam de 3 a 5. É uma baga de forma arredondada de cor amarela com polpa branca. Apresenta um grande número de sementes de consistência dura e tamanho reduzido. Quem já comeu estes frutos, sabe o inconveniente que causam quando as sementes param no meio dos dentes.

A floração tem início, dependendo da região, nos meses de setembro a janeiro. Es

tas flores têm curta duração. Os Araçás são comumente chamados de plantas melíferas, pois além de aroma agradável, contém em sua flor, grande quantidade de pólen e um néctar com alta concentração de açúcar, o que faz com que grande número de insetos busque aí a sua alimentação e, dentre eles, as abelhas; além disso, os beija-flores fazem visitas esporádicas a estas flores em busca do precioso néctar e de pequeninos insetos. Já foi por mim observada a visita do beija-flor branco e preto (Melanothrochilus fuscus) e do azul e verde (Thalurania glaucopsis) na região serrana de Miracatú, SP.

A maturação dos frutos ocorre de fevereiro

ro em diante. São muito ricos em nutrientes. Um exame químico do fruto, mostra que 89,81% de sua composição é constituída de água, seguido de 0,80% de cinzas, 1,54% de ácido málico, 4,00% de glicose, 0,10% de pentaglicose, 2,55% de celulose, 0,20% de gordura e 1,00% de matéria azotada. Em 100 gramas de fruto maduro, existem aproximadamente 40 miligramas de vitaminas.

Estes frutos além do alto valor alimentício, apresentam grande quantidade de tanino, muito usado no curtimento de couros. As folhas são adstringentes e os frutos combatem hemorragias e são laxativos. Existe uma espécie chamada de Araçá cação (Psidium rufum) em alusão a estas fa-culdades.

Frequentemente os frutos acham-se bichados (borboleta branca dos pomares) o que colabora ainda mais para a atração das aves. Quando são oferecidos às aves mantidas em cativeiro, devem ser dados com cuidado, pois como já foi dito, eles têm a propriedade de afetar as funções intestinais e por isso, quando dado em excesso, favorecem o aparecimento de complicações.

É arbusto facilmente encontrado em lugares úmidos ou banhados, em capoeiras, restingas arbustivas litorâneas e matas semi-devastadas. Quando em mata fechada, atinge maiores dimensões; frequentemente este arbusto forma grandes concentrações, originando verdadeiros araçazeiros naturais.

O Araçá (P. cattleyanum) tem uma distribuição geográfica bastante ampla, pegando toda a parte oriental da América do Sul, chegando até às zonas serranas do nordeste do Uruguai. Devido à sua ampla distribuição, esta fruteira recebe varia do número de nomes vulgares, tais como: Araçá, Araçazeiro, Araçá-do-Campo, Araçá-Amarelo, Araçá-Vermelho, Araçá-Doce, Araçá-Manteiga, Araçá-de-Comer, Araçá-da-Praia, Araçá-Pera, Araçá-Rosa e por fim Araçá - de-Corôa.

Em relação ao Araçá, as aves atuam como dispersoras das sementes, via trato digestivo. As aves quando ingerem o fruto, digerem parte dele, ficando as sementes intactas, pois elas apresentam revestimento protetor. Com isso, elas são eliminadas pelas fezes, vindo a germinar logo depois. É do conhecimento da ciência que grande parte destas sementes após passarem pelo trato digestivo de tais aves, tem o seu poder germinativo acelerado e ainda mais, algumas sementes só germinarão após terem passado pelo trato digestivo das aves.

De toda a avifauna, os traupídeos e os tinamídeos são os frequentadores mais constantes desta fruteira. Existem cita-

ções de sementes de Araçá (Psidium sp) em contradas no conteúdo estomacal das seguintes aves: Macuco (Tinamus solitarius), Nambú-Açú (Tinamus tao), Jacutinga (Pipile jacutinga), Rolinha (Columbina t. talpacoti), Tuim (Forpus x. xanthopterygius), Sabiá-Branco (Turdus amaurochalinus), Sabiá-de-Coleira (Turdus albicollis), Saira (Tangara cayana chloroptera), Sanhaço do Coqueiro (Thraupis palmarum), Cigana - (Opisthocomus hoazin), e o Japim (Psarocolius decumanus maculosus).

Segundo informações recolhidas na região serrana de Miracatu, foram observadas as seguintes aves, comendo frutas de Araçá (Psidium cattleyanum); Sanhaço de Encontro (Thraupis ornata), Sanhaço (Thraupis sayaca), Gurundi (Tachyphonus coronatus), Sabiá Una (Platycichla flavipes), Sabiá Laranjeira (Turdus rufiventris), Sabiá-Branco (Turdus amaurochalinus), Sabiá de Coleira (Turdus albicollis), Sabiá-Cica (Trichlaria malachitacea), Jacú (Penelope obscura), Gaturamo (Euphonia violacea) e a Saira de Lenço (Tangara cyanocephala).

É de grande valia este tipo de observação, pois pouco se sabe sobre a alimentação natural das aves brasileiras, e elas são um veículo disseminador de espécies vegetais, e também, para os criadores de tais aves no que se refere à formulação mais correta sobre a alimentação em cativeiro, bem como para a formação de viveiros plantados, pois além de excelente alimento, os Araçás são muito resistentes ao fato das aves bicarem os brotos e as folhas novas, fornecendo assim um ótimo abrigo e um lugar apropriado para a construção de ninhos.

NOTAS E NOTÍCIAS

Terça - feira 25 de Junho, das 20:00 às 23:00 h, a SOB deu continuidade ao seu programa de palestras, no auditório da CESP- Companhia Energética de São Paulo, que gentilmente cedeu não só o confortável local, como também os equipamentos de som e projeção e ainda, um funcionário para operá-los. À CESP o nosso profundo reconhecimento pelo magnífico apoio.

Inicialmente, o fotógrafo profissional - sócio da SOB e COA, Haroldo Palo Junior, apresentou o seu excelente trabalho sobre a Antártida e numa segunda parte, alguns aspectos e aves do Pantanal Mato-grossense, em fotos de alta qualidade. Em seguida, apresentou-se o Prof. Jacques Vielliard da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Departamento de Bioacústica, responsável pelo único laboratório da especialidade existente na América do Sul.

Autor: Armando Assumpção

O Prof. Vielliard, após exposição sobre o laboratório (8.000 gravações de vozes na natureza de cerca de 800 espécies de aves brasileiras), apresentou diversos aspectos do seu trabalho, projetando sonogramas (representação gráfica dessas vozes) ao mesmo tempo em que através de fitas gravadas, fazia ouvir cantos e vozes de aves, e acrescentava explicações sobre o material, algumas conclusões ou indícios levantados durante o seu estudo, tudo isto revelando um fascinante, original e profundo trabalho, onde a Ciência e a Tecnologia caminham lado a lado em busca de resultados, que abrirão novas fronteiras no estudo da avifauna do Brasil. Ao finalizar, o nosso prezado cientista colocou o material do laboratório à disposição da SOB e seus associados. Encerrando, o ornitólogo Richard O. Bierregaard Jr., diretor de campo do Projeto de Dinâmica Biológica de Fragmentos Florestais da Amazônia, projeto este patrocinado pelo INPA- Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e pelo WWF- World Wildlife Fund, em breve mas valiosa participação, discorreu sobre as atividades e finalidades do projeto, que estuda os efeitos na fauna, flora e clima, das grandes derrubadas na floresta amazônica. Ofereceu ainda, a oportunidade de fazer estágio, aos estudantes universitários interessados que, para tanto, devem procurar maiores informações com nosso associado e diretor, Roberto Antonelli Filho.

O auditório recebeu grande número de sócios, alunos de Biologia do Mackensie e da USP, e convidados como José Carlos dos Reis Magalhães, Fernando Lee, Werner Bokermann, Faíçal Simon e nosso prezado Audi, diretor da CESP.

Um grupo de associados da SOB, fundou em São Paulo o Centro de Proteção aos Psitacídeos Brasileiros - CPPB, com a finalidade de realizar, incentivar e aprofundar estudos, técnicas e medidas de proteção e reprodução das espécies ameaçadas ou não, tanto na natureza quanto em cativeiro.

Prosseguindo na campanha de consolidação do SOBoletim, estamos remetendo regularmente, exemplares também para o Dr. Paul Roth da Universidade Federal do Maranhão, British Museum da Inglaterra, American Museum of Natural History de New York, Zoological Society of S. Diego, - E.U.A., British Ornithologists' Union - (Inglaterra), Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza do Rio de Janeiro e Prefeitura Municipal de Araucária - Divisão do Meio Ambiente (Paraná).

Um fato curioso que se observa nos tangarás (gêneros Chiroxiphia, Pipra e Manacus) e até saíras (Tangara, Euphonia e Chlorophonia) em certas épocas, é o costume que têm de apanhar, com especial cuidado e muito rapidamente, uma formiga colocando-a ou esfregando-a instantaneamente sob o extremo das asas, coxas ou baixo abdômen (anting, como é conhecido em inglês).

Nem sempre apanham a primeira formiga ao seu alcance. Parecem escolher uma determinada. Por momentos ficam na espreita observando-as e se atiram sobre uma, que está mais afastada que as demais, executando rapidamente a operação. Repetem isto duas a três vezes consecutivas. Acontece que às vezes a formiga se parte e mesmo assim esfregam-na e devoram-na. Nunca devoram uma formiga inteira. Não apanham formigas aladas, escolhem sempre as que não têm asas. Estes comportamentos ocorrem com formigas caminhando no solo. Se a formiga é bem pequena, executam a operação de esfregamento pousados no chão. Se esta for de porte maior, apanham-na e rapidamente empoleiram-se, batendo-a contra o ramo para depois friccioná-la. Se a formiga escapou-lhes durante o voo, ou por não perceberem que escapou, ou para aproveitar alguma secreção (ácido fórmico?) da formiga, executam o esfregamento mesmo assim.

Por vezes, concentram de tal modo sua atenção nesta atividade, que chegam a perder o equilíbrio e a cair de costas; mas logo se recompõem. Para observar melhor e mais vezes este procedimento, foram coletadas muitas formigas de diferentes espécies e fornecidas aos pássaros em diferentes dias. Nem sempre este comportamento ocorreu; nestas ocasiões, pousados no solo e acompanhando com o olhar as formigas se dispersarem, não apanharam uma sequer, retirando-se em seguida.

Bibliografia:

Anting - Dez. 1964 - Pets (parte deste artigo) - A. Assumpção